

## RELATÓRIO

### Curt Nimuendajú e os museus etnológicos na Alemanha<sup>1</sup>

Peter Schröder<sup>2</sup>

#### Resumo

O tema deste trabalho são alguns resultados de uma pesquisa de pós-doutorado, realizada na Alemanha em 2010/11 e financiada pelo CNPq, sobre as relações de Curt Nimuendajú com museus etnológicos na Alemanha nas décadas de 1920 e 1930, com relação a coleções etnográficas, estudos etnológicos e contatos institucionais. Nimuendajú foi contratado duas vezes pelos museus etno-

---

<sup>1</sup> Texto modificado de uma comunicação apresentada na III Reunião Equatorial de Antropologia (REA) / XII Encontro dos Antropólogos do Norte e Nordeste (ABANNE), Boa Vista – RR, 14 a 17 de agosto de 2011, no GT 32 “História da antropologia: teoria e campo na Amazônia”, coordenado por Priscila Faulhaber e Julie Cavignac. Agradeço à Propesq/UFPE pela concessão de auxílio financeiro para a participação no evento (Processo n.º 23076.029682/2011-15).

<sup>2</sup> Professor do PPGA/UFPE. E-mail: [pschroder@uol.com.br](mailto:pschroder@uol.com.br)

lógicos de Leipzig, Dresden e Hamburg, e também pelo Instituto de Etnologia da Universidade de Leipzig, para coletar objetos e informações etnográficas, sobretudo sobre povos indígenas falantes de línguas Gê nas regiões do Tocantins e no centro do Maranhão. Trata-se de um capítulo pouco conhecido da biografia de Nimuendajú e da história da Antropologia no Brasil. Hoje em dia ainda existem cinco coleções etnográficas organizadas por Nimuendajú em museus alemães e uma documentação complementar volumosa em língua alemã, a qual revela as condições e situações das pesquisas de campo empreendidas pelo grande etnólogo brasileiro.

**Palavras-chave:** Curt Unckel Nimuendajú; etnologia indígena; etnologia alemã; história da antropologia no Brasil; coleções etnográficas.

### **Abstract**

This article is about some findings of a post-doctoral research realized in Germany in 2010/2011 and supported by CNPq about the relationships of Curt Nimuendajú with ethnological museums in Germany in the 1920ies and 1930ies with reference to ethnographic collections, ethnological studies, and institutional contacts. Nimuendajú was contracted twice by the ethnological museums of Leipzig, Dresden and Hamburg, and also by the Ethnological Institute of Leipzig University, for collecting ethnographical objects and information, above all about indigenous Gê speaking peoples of the Tocantins region and of the central parts of Maranhão state. This is a little known chapter of Nimuendajú's biography and of the history of Brazilian anthropology. Nowadays there are still five ethnographic collections arranged by Nimuendajú in German museums and a voluminous complementary documentation in German language, which reveals the conditions and situations of field work carried out by the famous Brazilian ethnologist.

**Keywords:** Curt Unckel Nimuendajú; Ethnology of indigenous peoples; German ethnology; History of Brazilian anthropology; Ethnographic collections.

## Introdução

O tema deste pequeno trabalho são alguns resultados de uma pesquisa de pós-doutorado realizada na Alemanha no período de agosto de 2010 a fevereiro de 2011 e financiada pelo CNPq<sup>3</sup>. O vínculo institucional foi com o Instituto de Etnologia da Universidade de Leipzig.

O objetivo geral da pesquisa foi ou, respectivamente, ainda é, como ela se encontra na fase da análise do material coletado: estudar as relações de Curt Nimuendajú, como colecionador e pesquisador, com museus etnológicos na Alemanha nas décadas de 1920 e 1930, com relação a coleções etnográficas, estudos etnológicos e contatos institucionais.

Os objetivos específicos foram:

- (1) Levantamento das coleções etnográficas organizadas por Nimuendajú para museus na Alemanha, do material visual (fotos, desenhos, mapas, croquis) e da documentação relacionados com elas, inclusive do estado de pesquisa das coleções;
- (2) Levantamento de informações etnográficas na documentação encontrada, especialmente com relação à etnologia dos povos indígenas falantes de línguas Gê;
- (3) Levantar, com base na documentação, informações relativas à metodologia de Nimuendajú (pesquisa de campo e organização das coleções);
- (4) Buscar referências teóricas na documentação;
- (5) Procurar por declarações e informações sobre a política indigenista da época na documentação.

Sobre o caráter e a metodologia da pesquisa pode ser afirmado que o ‘campo’ foram arquivos, acervos e coleções e os ‘nativos’, os pesquisadores/etnólogos responsáveis pelos materiais encontrados neles, da mesma maneira como no estudo de Kraus (2004). Neste caso, a ‘cultura nativa’ a ser estudada encontra-se em publicações, documentos, correspondências e objetos. Foi dada prioridade à pesquisa da correspondên-

---

<sup>3</sup> Modalidade Pós-Doutorado no Exterior (PDE), processo nº 200455/2010-9. Aproveito a oportunidade para agradecer ao CNPq a concessão da bolsa.

cia, tanto a oficial quanto a semi-oficial e privada, como Nimuendajú era um missivista muito produtivo e, ao mesmo tempo, extremamente sistemático. Suas correspondências representam fontes imprescindíveis sobre seu trabalho, contendo também informações pessoais e do cotidiano. No caso desta pesquisa, porém, o ‘campo’ teve que ser ‘multilocalizado’, parafraseando a proposta etnográfica de Marcus (1986, 1995). Como se trata de material histórico, foi necessário combinar métodos históricos de pesquisa com abordagens antropológicas de observação e interpretação (Dülmen 2001). A abordagem é basicamente indutiva para evitar certas ‘miopias’ que podem ser causadas por opções teóricas precipitadas. O idioma das fontes é exclusivamente o alemão.

### **Algumas informações bibliográficas sobre Nimuendajú**

Curt Unckel nasceu em 17 de abril de 1883 em Jena, na Turíngia, emigrou para o Brasil em 1903, viveu entre os Guaraní numa aldeia do rio Batalha, no estado de São Paulo, entre 1905 e 1907, onde ele recebeu o nome Nimuendajú, o qual ele registrou como sobrenome em 1922 ao optar pela nacionalidade brasileira, e morreu em 10 de dezembro de 1945 numa aldeia Ticuna, no município de São Paulo de Olivença, região do Alto Solimões, por causa ainda não apurada de forma conclusiva, embora a hipótese de assassinato seja a mais aceita. Mais de quatro décadas dedicadas à etnologia indígena, com pelo menos 34 pesquisas de campo, majoritariamente pioneiras, entre mais de 50 etnias indígenas e um grande número de publicações, em parte lançadas apenas *post mortem*, sobre temas de etnologia, linguística e arqueologia indígena, além de volumosa correspondência com os mais diversos especialistas em temas indígenas de vários países, renderam a Nimuendajú, ainda em vida, o reconhecimento como uma das maiores autoridades da etnologia dos povos indígenas no Brasil na primeira metade do século XX (Grupioni 1998:164) e, segundo alguns autores, como sendo a maior durante todo esse período (Kraus 2004:44-5).

Em sua famosa periodização da Antropologia brasileira, Roberto Cardoso de Oliveira (1988) atribuiu a Nimuendajú um papel de “herói civilizador” para a tradição da etnologia indígena, na fase “heroica” da área. Mércio Gomes, por sua vez, o denomina “o pai da Antropologia

brasileira dedicada aos estudos dos povos indígenas nos últimos cem anos” (2008:185). E Roque Laraia escreveu: “[...] Seus feitos passaram a ser considerados como capítulos da epopeia da antropologia no Brasil [...]. Mas se a vida de Curt Nimuendajú já faz parte de nossa mitologia, é a sua morte [...] que se tornou um mistério intrigante [...]. De fato, para vida tão aventureira, uma morte apenas não seria suficiente como desfecho [...]” (1988:70-1).

Embora continue vivo o interesse pela obra de Nimuendajú, sendo que uma parte dela ainda não foi publicada em português, sempre foi sua biografia insólita e em parte misteriosa que despertou curiosidades ao menos iguais, se não maiores, como também observou Grupioni (1998: 15). Existem diversas sínteses biográficas e bibliográficas, como as de Baldus (1945), Pereira (1946), Nimuendajú & Guérios (1948), Métraux (1950), Lowie (1959), Cappeller (1963), Schaden (1968, 1973) e Arnaud (1983/84). Viveiros de Castro lembrou que, apesar de existir um número elevado de textos sobre Nimuendajú,

A vida-obra de Nimuendajú ainda está à espera de um estudo que lhe faça justiça; à parte de alguns curtos ensaios sobre aspectos específicos de suas pesquisas, o que se tem são necrológicos e outros textos de circunstância, reivindicações totêmicas e toda uma hagiologia folclórica do *métier*, exprimindo muito mais os mitos e tensões inerentes ao campo antropológico-indigenista que qualquer outra coisa (1987:XVIII).

Embora esta afirmação continue ser correta em termos gerais, ela merece, mais de duas décadas depois, uma relativização. Por um lado, já foi publicada, em 1979, na antiga RDA, uma biografia sobre Nimuendajú, porém ela ficou praticamente desconhecida no Brasil. Trata-se do livro do jornalista e *Heimatforscher* (um tipo de pesquisador amador regionalista) Georg Menchén. Esta biografia, no entanto, é muito problemática e o adjetivo que mais bem a descreve é ‘semi-ficcional’. Menchén realizou diversas entrevistas e pesquisas documentais sobre a infância e juventude de Nimuendajú em Jena e seus contatos com museus etnológicos na Alemanha, especialmente o de Leipzig, e até conseguiu coletar vários depoimentos, de amigos e conhecidos de Nimuendajú ainda vivos na época, porém grandes partes de seu livro não possuem embasamentos

empíricos e os mais diversos episódios da vida do biografado são apresentados de forma ficcional e romantizada. Desse modo, aquela biografia não pode ser considerada uma fonte confiável.

Por outro lado, foram realizados, nos últimos vinte anos, alguns trabalhos importantes sobre vida e obra de Nimuendajú, entre os quais se destacam os de Dungs (1991), Grupioni (1998), Welper (2002), Nimuendajú (2000 [Hartmann]) e Born (2007). A tese de doutorado de Dungs, defendida na Universidade de Köln em 1991, focaliza principalmente a metodologia de campo de Nimuendajú. O autor, na época da defesa um administrador aposentado de cerca de 70 anos, conseguiu consultar, com esforços e assiduidade impressionantes, fontes importantes em arquivos brasileiros e realizar diversas entrevistas com testemunhas ainda vivos, mas infelizmente seu trabalho evoluiu, por ansiedade de destacar os aspectos positivos do biografado, para aquilo que Viveiros de Castro chamou de hagiografia.

A dissertação de Grupioni, por sua vez, inclui uma avaliação criteriosa das pesquisas de Nimuendajú com base numa gama ampla de fontes do ponto de vista de suas relações com o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil, órgão federal funcionando entre 1933 e 1968 e objeto principal do estudo, chegando a diversas reinterpretações das formas e estilos de trabalho de Nimuendajú. A dissertação de Elena Welper oferece uma nova síntese e interpretação biográfica. Ela se diferencia de outros trabalhos por ter concentrado a pesquisa documental no espólio do biografado no Arquivo Curt Nimuendajú do Museu Nacional e também por ter operado com a hipótese da influência do romantismo alemão em pensamento e obra de Nimuendajú.

A edição, por Thekla Hartmann, da correspondência de Nimuendajú com Carlos Estevão (2000), um de seus interlocutores e aliados mais importantes, ao lado de Heloísa Alberto Torres, do Museu Nacional, constitui uma das fontes imprescindíveis para estudar aspectos da vida e obra de Nimuendajú, como também foi observado por Amoroso (2001). Uma coletânea mais recente, lançada por ocasião do sexagésimo ano da morte de Nimuendajú e organizada pelo professor de Letras Românicas da Universidade de Gießen, Joachim Born (Born 2007), reúne uma série de textos interpretativos interessantes sobre diversos aspectos da obra do

etnólogo celebrado, porém estes quase não apresentam novas fontes de informação.

Poder-se-ia esperar que a quantidade de trabalhos produzidos até agora iluminou devidamente todos os aspectos da vida e obra de Nimuendajú. No entanto, ainda há episódios e fases misteriosos ou pouco pesquisados de sua biografia. Há especialmente uma fase de sua biografia profissional nas décadas de 1920 e 1930 que foi pouco estudada até agora, talvez por causa da necessidade de dominar bem o idioma alemão, ou seja, a cooperação com museus etnológicos na Alemanha e os contatos com cientistas alemães (sobretudo etnólogos) na mesma época.

### **Como surgiram os contatos de Nimuendajú com instituições de pesquisa etnológica na Alemanha**

Como Nimuendajú era autodidata e nunca recebeu nenhuma formação acadêmica, surgiu a questão como foi possível estabelecer contatos com os círculos acadêmicos europeus. Uma das hipóteses mais relatadas é que a publicação de seu primeiro texto científico, a famosa monografia sobre a religião e cosmovisão dos Guarani na conceituada *Zeitschrift für Ethnologie* (1914), foi intermediada pela ornitóloga alemã Emilie Snethlage (1862-1929) ao assumir, naquele ano, a diretoria do Museu Paraense Emilio Goeldi. Esses primeiros contatos com a etnologia acadêmica alemã não foram estabelecidos apenas com os editores da revista, mas também, especificamente, com o etnólogo Theodor Koch-Grünberg (1872-1924). Com vários textos publicados em periódicos como *Zeitschrift für Ethnologie*, *Petermanns Geographische Mitteilungen*, *Anthropos* e *Journal de la Société des Américanistes*, Nimuendajú começou a conquistar uma reputação como especialista em etnologia e linguística indígena até meados da década de 20, porém sobretudo no exterior. Nesse período, Nimuendajú realizava escavações arqueológicas e estudos etnográficos para o Museu Etnológico de Gotemburgo (*Etnologiska Museet Göteborg*; hoje: *Världskulturmuseet*), na Suécia, patrocinados com o apoio de seu diretor, o Barão Erland Nordenskiöld (1877-1932; Nimuendajú 2004). Quando as relações com seu patrocinador começaram a piorar em 1926 por causa de divergências sobre prioridades de pesquisa e

novas preferências de aplicação dos recursos por parte dos patrocinadores do museu, levando ao rompimento da cooperação em 1927<sup>4</sup>, a continuidade dos trabalhos de Nimuendajú estava em risco. Suas dificuldades financeiras, aliás, constituem um tema permanente de sua biografia, o que se manifesta explicitamente em suas correspondências.

Nesta situação crítica, uma recomendação do etnólogo suíço Felix Speiser (1880-1949), que tinha conhecido Nimuendajú por ocasião de uma expedição ao Brasil em 1924 (no mesmo navio com que viajou Koch-Grünberg), ao diretor do Museu de Etnologia de Leipzig, Fritz Krause (1881-1960), abriu as portas para uma nova cooperação, a qual foi formalizada em 1927. O interesse de o museu adquirir objetos de povos indígenas da região do médio Tocantins ao rio Mearim, no Maranhão, levou a firmar um contrato entre Nimuendajú e os museus de Leipzig, Dresden e Hamburgo.

### **Como se realizou a cooperação com os museus na Alemanha**

Nimuendajú realizou duas expedições para a coleta de objetos etnográficos e pesquisas etnológicas para instituições de pesquisa etnológica na Alemanha. A primeira, de setembro de 1928 a maio de 1929, levou-o aos Apinayé, Krikateyé, Kreapimkateyé, Pukobyê, Guajajara e Canela (Apanyekrã e Ramkokamekrã) e foi financiada pelos museus etnológicos de Leipzig, Dresden e Hamburgo. Os três museus dividiram os custos da expedição devido à crise financeira constante das instituições públicas de pesquisa na República de Weimar, cobrando adquirir três cópias de cada objeto, a serem distribuídas entre os museus.

Na segunda expedição, de fevereiro a setembro de 1930, Nimuendajú visitou os Apinayé, Xerente, Krahô e Canela-Ramkokamekrã. Esta foi financiada pelos museus etnológicos de Leipzig e Hamburgo, pelo Instituto de Etnologia da Universidade de Leipzig e com recursos da

---

<sup>4</sup> Embora haja indícios de que a coleta de objetos etnográficos para este museu continuou até 1939, de acordo com solicitações de autorização para sua exportação encontradas na documentação do Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (Grupioni 1998:189, 197).



*Notgemeinschaft der Deutschen Wissenschaft* (Sociedade Emergencial Alemã de Fomento à Pesquisa).

Enquanto na primeira expedição foram solicitadas informações etnográficas detalhadas para acompanhar as coleções, para a segunda foi combinada a publicação de uma monografia complementar (*Die Timbira*) à exposição dos objetos coletados. Esta monografia em alemão, objeto de negociações demoradas entre Krause e Nimuendajú, acabou não sendo publicada na forma original.

Na primeira expedição, o interlocutor principal na Alemanha foi Fritz Krause (1881-1963), diretor do Museu Grassi em Leipzig, enquanto na segunda foram tanto Krause quanto Otto Reche (1879-1966), diretor do Instituto de Etnologia da Universidade de Leipzig. Com outros antropólogos das instituições envolvidas no financiamento das duas expedições, Nimuendajú quase não se comunicou por carta, a não ser nos poucos períodos de ausências de Krause e Reche e quando foi necessário resolver apenas problemas financeiros. Todos os relatórios de campo e todas as cartas relacionadas a negociações anteriores e posteriores foram enviados exclusivamente para Krause e Reche, enquanto as negociações entre as instituições alemãs ficaram principalmente nas mãos de Krause. Assim, foram encontradas, nos arquivos visitados em Leipzig e Dresden, muitas cartas entre Nimuendajú, Krause e Reche, por um lado, e uma correspondência complementar abrangente entre Krause e outros antropólogos alemães e estrangeiros.

As incertezas e demoras dos honorários combinados e da publicação do manuscrito sobre os Timbira, no contexto da crise econômica no final da República de Weimar, levaram ao rompimento dos contatos e depois abriram o caminho para a colaboração tanto com instituições norte-americanas quanto com museus brasileiros, o que levou à consolidação da trajetória etnológica de Nimuendajú.

Grupioni (1998: 164) observou que “pouco se sabe dessa faceta [de colecionador] das atividades de Nimuendajú, não havendo mesmo uma relação dos museus onde suas coleções estão depositadas”. Com relação à Alemanha, esta observação agora pode ser relativizada, porque todas as coleções etnográficas organizadas por Nimuendajú para museus etnológicos alemães foram localizadas. Hoje em dia, coleções etnográficas organizadas por Nimuendajú estão depositadas em museus etnológicos de cinco cidades: Berlim, Dresden, Hamburgo, Leipzig e Munique.

Já se sabia da existência dessas coleções nos museus de Leipzig, Dresden e Hamburgo (Becher 1955, Kästner 1990, 1991, Menchén 1979), porém muitos detalhes não eram conhecidos. Os museus de Leipzig e Hamburgo receberam objetos das duas expedições, enquanto o de Dresden apenas da primeira, porque este, por motivos orçamentários, não podia participar no financiamento da segunda expedição. Com relação à venda de objetos etnográficos para o Museu Etnológico de Berlim, em 1935, havia apenas indícios escassos na documentação do antigo Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (1933-1968; Grupioni 1998), porém a existência de uma coleção com objetos dos Ramkokamekrã agora pode ser confirmada. Uma das maiores surpresas desta pesquisa, no entanto, foi a descoberta de uma quinta coleção, mesmo sendo a menor de todas, no Museu Etnológico de Munique.

## **Resultados da pesquisa: o material encontrado nos museus etnológicos na Alemanha**

### **Leipzig**

O Museu Grassi em Leipzig inclui, na realidade, três museus: o Museu de Artes Aplicadas, o Museu de Instrumentos Musicais e o Museu de Etnologia ([www.grassimuseum.de/](http://www.grassimuseum.de/)). Ele está instalado no prédio atual no Johannisplatz, no centro da cidade, desde 1927.

No arquivo do museu podia ser encontrada a documentação quase completa das duas expedições: correspondências, documentos complementares (contas, extratos de atas de reuniões, etc.), listas originais de objetos enviadas por Nimuendajú e algumas poucas fotos e ilustrações. A quantidade do material visual é irrisória, enquanto o número de correspondências conservadas é impressionante. Foram encontradas, entre outros documentos, as correspondências *originais* seguintes:

- ◆ 53 cartas trocadas entre Nimuendajú e Krause relativas às duas expedições;
- ◆ 12 cartas entre Nimuendajú e Reche relativas à segunda expedição;
- ◆ 10 entre Krause e Reche relativas à segunda expedição;

- ◆ 29 entre Krause e o diretor do Museu Etnológico de Hamburgo, Georg Thilenius (1868-1937), sobre as duas expedições;
- ◆ 28 entre Krause e o diretor do Museu de Zoologia e Etnologia de Dresden, Arnold Jacobi (1870-1948), relativas à primeira expedição;
- ◆ 7 entre Krause e o etnólogo suíço Felix Speiser (1880-1949), cujas recomendações abriram o caminho para o contato de Nimuendajú com Krause;
- ◆ 2 entre Krause e o Barão Erland Nordenskiöld (1877-1932), ao qual o primeiro solicitou informações sobre as qualificações científicas e o caráter de Nimuendajú;
- ◆ 4 entre Krause e o padre Wilhelm Koppers (1886-1961), na época editor-chefe do periódico *Anthropos*, relacionadas com a publicação não autorizada de uma carta particular de Nimuendajú, a qual não só causou um pequeno atrito com os três museus envolvidos na primeira expedição, mas também levou ao rompimento dos contatos de Nimuendajú com a revista.

Os documentos originais encontram-se majoritariamente em bom estado de conservação. A documentação levantada permite reconstruir completamente a primeira expedição de Nimuendajú, enquanto a da segunda só pode ser realizada junto com os documentos encontrados em Dresden. Nas cartas de Nimuendajú, geralmente longas e com entrelinhas mínimas, há descrições vivas das condições de campo e do estilo de pesquisar, ao lado de ricas informações etnográficas e numerosas observações críticas tanto sobre a política indigenista quanto sobre as relações dos indígenas com a população não-indígena. A linguagem de Nimuendajú em muitas partes não é científica, é misturada com expressões populares. Algumas até parecem ser turingianas, remetendo à região de origem do pesquisador<sup>5</sup>. Em suma, nas cartas aparece um Nimuendajú diferente das monografias pelas quais ele ficou conhecido. Em comparação com suas cartas, a linguagem daquelas de Krause e Reche e dos outros antropólogos alemães envolvidos é bastante sóbria, em parte burocrática, porém em alguns trechos Krause solta comentários irônicos

---

<sup>5</sup> Esta suposição precisa ser confirmada com a ajuda de dicionários dialetais alemães, já que minha região de origem é a Baixa Saxônia, sendo Hannover uma cidade onde a população abandonou o dialeto local há muito tempo.

sutis sobre diversos assuntos, o que dá um toque diferenciado a sua escrita.

Com relação às coleções etnográficas e arqueológicas organizadas e enviadas por Nimuendajú (a primeira coleção de objetos foi oferecida ao museu ainda em novembro de 1927), a pesquisa nas listas de objetos originais e atuais revelou que no Museu Grassi estavam depositados, até 1943, no total 2.478 objetos: dos Apinayé, Canela, Guajajara, Krahô, Kreapimkateyé, Krikateyé, Pukobyê e Xerente, além de numerosas peças arqueológicas (principalmente cerâmicas da cultura Santarém). Depois do bombardeio mais grave sofrido pela cidade em 4 de dezembro de 1943, durante o qual foi atingida uma ala do museu com numerosos objetos etnográficos expostos, ficaram incólumes apenas 613 objetos. Ou seja, o conjunto de objetos coletados por Nimuendajú para o museu sofreu perdas em torno de 75% em uma única noite da Segunda Guerra. Assim, das cinco coleções identificadas, a coleção no Museu Grassi representa a mais afetada pela guerra.

Também foi realizada uma pesquisa no arquivo do Instituto de Etnologia da Universidade Leipzig. O objetivo foi achar a documentação relativa à segunda expedição de Nimuendajú, financiada em grande parte pelo instituto. Ela fazia parte de uma série de pesquisas de campo organizadas e financiadas pelo instituto no final da década de 1920 e início dos anos 1930.

Embora fossem abertos todos os armários e várias dezenas de caixas que eventualmente podiam conter a documentação procurada, não foi encontrada nenhuma pasta com o material da segunda expedição, apesar da presença, em pastas e caixas, do material documental de todas as outras expedições financiadas e organizadas pelo instituto na época. Foram localizados apenas poucos documentos administrativos (relatórios anuais de pesquisa resumidos, planejamentos e orçamentos anuais, etc.) inseridos entre folhas soltas em algumas pastas referentes aos anos 1932 e 1933.

O enigma da falta do material da segunda expedição nem podia ser resolvido em várias conversas com colegas do instituto, já que a organização do arquivo tinha passado por diversas modificações no decorrer dos anos. Uma parte dos documentos originais, no entanto, foi encontrada mais tarde no Museu Grassi, enquanto outra parte está arquivada no Museu Etnológico de Dresden, o que, por sua vez, provoca outras

questões: qual foi o caminho dos documentos do arquivo do instituto para os outros e qual foi a razão da remoção dos documentos?

## Dresden

Desde 1957, as exposições do Museu Etnológico de Dresden estão localizadas no Japanisches Palais, no centro da cidade, enquanto os depósitos dos objetos e os arquivos foram transferidos, em 1999, para um prédio funcional em Dresden-Klotzsche, na periferia, próximo ao aeroporto ([www.voelkerkunde-dresden.de](http://www.voelkerkunde-dresden.de)). No arquivo em Klotzsche encontram-se duas pastas com cópias e alguns originais das correspondências seguintes:

- ◆ 15 cartas da correspondência entre Nimuendajú e Krause;
- ◆ 34 cartas entre Nimuendajú e Reche;
- ◆ 14 entre Krause e Reche;
- ◆ 5 entre Krause e Thilenius;
- ◆ 2 entre Krause e Jacobi;
- ◆ 5 entre Reche e Thilenius; e
- ◆ 6 entre Reche e Gustav Antze, do Museu Etnológico de Hamburgo.

Com relação ao estilo e aos conteúdos das cartas podem ser feitas as mesmas observações como sobre aquelas encontradas arquivadas no Museu Grassi.

O manuscrito *Die Timbira* foi escrito em duas partes. A primeira, de 117 páginas, foi finalizada em 16/12/1930 e contém uma introdução de 23 páginas e uma descrição etnográfica dos Timbira Orientais (*Die östlichen Timbira*), de 94 páginas. A segunda parte, com data de 23/11/1931, é uma descrição etnográfica dos Apinayé, em 89 páginas. O texto, escrito num alemão muito vivo, permite uma leitura fácil e agradável. Ele está entremeado por numerosas fotografias em preto e branco e por desenhos em lápis dos próprios Canela. O manuscrito nunca foi publicado na forma como ele foi enviado a Otto Reche, e os atrasos consideráveis da tramitação do manuscrito, em parte causadas pelos problemas financeiros na fase final da República de Weimar, contribuíram para o rompimento das relações de Nimuendajú com as instituições de pesquisa etnológica em Leipzig. As versões versadas para o inglês por

Robert Lowie e revistas por este e pelo próprio Nimuendajú tornar-se-iam mais tarde clássicos da literatura etnológica sulamericanista (Nimuendajú 1939, 1946).

O Museu de Etnologia de Dresden recebeu 354 objetos (dos Apinayé, Canela-Ramkokamekrã, Guajajara, Kreapimkateyé, Krĩkateyé e Pukobyê) da primeira expedição de Nimuendajú. Embora a coleção dresdense não tenha sido atingida de forma tão trágica como a do Museu Grassi em Leipzig, as perdas (KV = *Kriegsverluste* = ‘perdas pela guerra’: 81; mais objetos registrados como ‘faltando’ / *fehlt*: 5) somam 81, ou seja, quase 23%. Desse modo, a coleção atual ainda possui 273 objetos. Alguns dos objetos mais valiosos da coleção foram apresentados ao público numa exposição sobre as culturas indígenas da Amazônia e das áreas adjacentes no Japanisches Palais, em 2010, por exemplo, as máscaras *Kokerit* dos Canela (Kästner 2009).

## Hamburgo

Apesar de a viagem para Hamburgo inicialmente ter estado prevista para conhecer as partes das coleções das duas expedições de Nimuendajú depositadas no Museu de Etnologia, ela não foi realizada depois de receber, em 26/08/2010, a informação seguinte: “A coleção de objetos de Curt Nimuendajú atualmente não é acessível. Isto tem a ver, por um lado, principalmente com o fato de que os objetos ainda não foram registrados, em sua maioria, durante o inventário; além disso, todos os objetos encontram-se num depósito externo fora de Hamburgo, o qual pode ser visitado por pessoas externas apenas com esforços consideráveis por nossa parte (vigilância, serviço de abrir e fechar, arquivistas, etc.), o que não podemos oferecer atualmente pelas razões expostas”. Enquanto não se podia esperar encontrar cartas de Nimuendajú no museu de Hamburgo (a não ser cópias de cartas enviadas a Krause e Reche), porque o diretor do museu, Georg Thilenius e seus colaboradores e assistentes, não eram interlocutores diretos nas negociações coordenadas por Krause e Reche, uma mensagem eletrônica de 31/08/2010 deixou claro que nenhum material visual de autoria de Nimuendajú (fotos, desenhos, etc.) está depositado nos arquivos do museu.

Segundo uma lista de objetos recebida por e-mail em formato Excel em 13/10/2010, o Museu de Etnologia de Hamburgo recebeu três contingentes de objetos em três datas, de acordo com os livros de registros de entrada:

- ◆ 346 objetos dos Apinayé, Canela (Apanyekrã e Ramkokamekrã), Guajajara, Kreapimkateyé, Krĩkateyé e Pukobyê em 26/10/1929, mais quatro máscaras de dança dos Ramkokamekrã;
- ◆ 302 objetos dos Ramkokamekrã em 25/02/1931; e
- ◆ 139 objetos dos Apinayé, Krahô e Xerente em 09/04/1932.

Quando a lista foi enviada, o inventário ainda não estava finalizado, de modo que não se soubesse quantas perdas havia devido aos bombardeios ou outros impactos da Segunda Guerra Mundial. Em 13/10/2010, apenas 101 objetos estavam inventariados, no entanto não se pode descartar a hipótese de que a coleção hamburguesa seja, hoje em dia, a mais completa das organizadas por Nimuendajú para os museus etnológicos na Alemanha, enquanto os dados do inventário não estão completos.

## Berlim

O Museu Etnológico de Berlim é um dos maiores do mundo, com cerca de 508.000 objetos etnográficos e arqueológicos. A ideia inicial de verificar se há uma coleção de objetos etnográficos organizada por Nimuendajú para o Museu Etnológico Dahlem em Berlim foi reforçada depois de uma conversa com o antropólogo Andreas Schlothauer, que tinha elaborado um banco de dados sobre objetos de arte plumária indígena sul-americana em museus europeus, especialmente nos alemães ([www.about-amazonas.de](http://www.about-amazonas.de)). Esta aquisição de objetos provavelmente teria sido anotada nos livros de registro de entrada como sendo entregue por Emil Heinrich Sneath (1897-1939). A existência da coleção depois foi confirmada por Dr.<sup>a</sup> Manuela Fischer, do museu em Dahlem, numa mensagem de e-mail de 01/11/2010: no banco de dados do museu foram encontrados 228 objetos que podiam ser atribuídos a Nimuendajú; além disso, haveria uma pasta com correspondências e uma lista de objetos original escrita por Nimuendajú.

Durante a visita ao museu foram encontradas cinco cartas de Nimuendajú enviadas a Walter Krickeberg (1885-1962) em 1935, nas quais ele não só ofereceu uma coleção de 225 objetos dos Ramkokamekrã, mas também descreveu as condições, bastante aventureiras (com tiros, ameaças de morte, etc.), da pesquisa de campo parcialmente financiada pelo museu. O contato com Krickeberg provavelmente foi intermediado por Snethlage, porém esta suposição por enquanto não pode ser confirmada, porque a correspondência entre Nimuendajú e Snethlage não foi localizada nos arquivos do museu, mas há informações de que existem pelo menos 15 cartas dessa correspondência no Arquivo Curt Nimuendajú no Museu Nacional/ UFRJ<sup>6</sup>.

Os catálogos de registro do museu especificam 228 objetos, no total, dos quais, no entanto, foram localizados apenas 135 nos armários do depósito (a seção América possui cerca de 35.000 objetos etnográficos das terras baixas da América do Sul).

## **Munique**

Inicialmente não estava previsto viajar para Munique, mas uma conversa com o antropólogo Andreas Schlothauer indicou a possibilidade de encontrar uma coleção desconhecida organizada por Nimuendajú no Museu Estadual de Etnologia de Munique. Esta hipótese foi confirmada por uma mensagem de e-mail de Elke Bujok, diretora da seção América Latina e Caribe do museu, em 07/10/2010, e depois por um artigo no anuário do museu (Guggeis 2009), ao qual só tive acesso depois.

Não causa surpresa que não foram encontradas referências àquela coleção em documentos brasileiros, porque ela não foi vendida ao museu pelo próprio Nimuendajú. Trata-se de uma coleção de 86 objetos dos Ramkokamekrã oferecida por Nimuendajú a um alemão chamado Otto Meyer, em agosto de 1933. Esse Otto Meyer, que depois voltou para a Alemanha, ofereceu a coleção ao Museu Etnológico de Munique em

---

<sup>6</sup> Uma carta direcionada a Carlos Estevão, datada de 10/05/1934 e publicada em Nimuendajú (2000:205-11), indica que Nimuendajú encontrou Krickeberg em Berlim em maio de 1934 por ocasião de sua viagem à Alemanha.



junho de 1934, mas, por não ter recebido uma resposta imediatamente, decidiu vendê-la, em julho do mesmo ano, à bem conhecida empresa hamburguesa de comércio de *ethnographica* Gustav Umlauff (Guggeis 2009), a qual, em outubro de 1934, a revendeu ao museu em Munique. Além de 85 objetos dos Canela, também foram oferecidos seis dos Guajajara. O catálogo de aquisições do museu, de 1934, no entanto, enumera 66 objetos dos Canela, sendo 62 da coleção organizada por Nimuendajú, e oito dos Guajajara. Esse catálogo não indica perdas devido à guerra, porém a informação de que 34 dos objetos coletados por Nimuendajú foram localizados num inventário realizado em 1959.

Durante a visita ao museu foi possível ver pessoalmente uma série desses objetos no depósito. No caso de Otto Meyer, é muito interessante constatar que não se trata de uma pessoa historicamente incógnita, mas do idealizador e fundador da Varig.

## Conclusões

Todos os objetivos do projeto foram alcançados:

- 1) Um levantamento completo das coleções etnográficas organizadas por Nimuendajú para museus na Alemanha e do estado de pesquisa das coleções;
- 2) Um levantamento abrangente da documentação encontrada relacionada com as coleções e com os contatos institucionais de Nimuendajú com etnólogos na Alemanha;
- 3) Uma sistematização do material encontrado com relação a informações sobre as circunstâncias das pesquisas de campo, a organização das coleções, referências teóricas e declarações sobre a política indigenista da época.

O material levantado permite a elaboração de diversos trabalhos a serem publicados nos próximos anos:

- ◆ Estudos sobre as duas expedições de Nimuendajú;
- ◆ Um trabalho sobre as coleções organizadas para os museus etnológicos de Leipzig e Dresden;
- ◆ Um artigo sobre a coleção com objetos dos Canela no Museu Estadual de Etnologia de Munique;

- ◆ Um artigo sobre a coleção organizada por Nimuendajú para o Museu Etnológico de Berlim;
- ◆ Um livro sobre a correspondência de Nimuendajú com Krause e Reche.

## Bibliografia

- ARNAUD, Expedito. 1983/84. Curt Nimuendajú: aspectos de sua vida e de sua obra. *Revista do Museu Paulista*, n.s., 29:55-72.
- BALDUS, Herbert. 1945. Curt Nimuendajú. *Boletim Bibliográfico*, ano II, vol. VIII: 91-9.
- BECHER, Hans. 1955. Die brasilianischen Sammlungen im Hamburgischen Museum für Völkerkunde und Vorgeschichte. In *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas (1954)*, vol. I: pp. 251-6. São Paulo.
- BORN, Joachim (org.). 2007. *Curt Unckel Nimuendajú – ein Jenenser als Pionier im brasilianischen Nord(ost)en*. (Beihefte zu >Quo vadis, Romania?<, 29) Wien: Praesens.
- CAPPELLER, Fritz. 1963. *Der größte Indianerforscher aller Zeiten*. Jena: s/e.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. 1988. O que é isso que chamamos de Antropologia brasileira? In *Sobre o pensamento antropológico*, pp. 109-28. (Biblioteca Tempo Brasileiro, 83) Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: CNPq.
- DÜLMEN, Richard van. 2001. *Historische Anthropologie*. 2. Aufl. (UTB für Wissenschaft, 2254) Köln, Weimar, Wien: Böhlau.
- DUNGS, Friedrich Günther. 1991. *Die Feldforschung von Curt Unckel Nimuendajú und ihre theoretisch-methodischen Grundlagen*. (Mundus Ethnologie, 43) Bonn: HoloS.
- GOMES, Mércio Pereira. 2008. *Antropologia: ciência do homem, filosofia da cultura*. São Paulo: Contexto.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. 1998. *Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil*. São Paulo: Hucitec/ ANPOCS.

- GUGGEIS, Karin. 2009. Strategien zwischen Wissenschaft und Wirtschaft: Das Münchner Völkerkundemuseum und die Hamburger Handelsfirmen Umlauf. *Münchner Beiträge zur Völkerkunde*, 13:23-91.
- KÄSTNER, Klaus-Peter. 1990. *Índios do Brasil: fotos históricas dos museus de etnologia de Dresden e Leipzig*. São Paulo: MAE/USP.
- \_\_\_\_\_. 1991. As coleções brasileiras do Museu Estatal de Etnologia de Dresden. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 1:147-63.
- \_\_\_\_\_. 2009. *Amazonien: Indianer der Regenwälder und Savannen*. Dresden: Museum für Völkerkunde Dresden/ Staatliche Ethnographische Sammlungen Sachsen.
- KRAUS, Michael. 2004. *Bildungsbürger im Urwald: Die deutsche ethnologische Amazonienforschung (1884-1929)*. (Curupira, 19) Marburg: Förderverein "Völkerkunde in Marburg" e.V.
- LARAIA, Roque de Barros. 1988. As mortes de Nimuendajú. *Ciência Hoje*, 8 (44):70-1.
- LOWIE, Robert H. 1959. Field Work in Absentia. In *Robert H. Lowie Ethnologist – A Personal Record*, pp. 119-26. Berkeley: University of California Press.
- MARCUS, George E. 1986. Contemporary Problems of Ethnography in the Modern World System. In CLIFFORD, James & \_\_\_\_\_ (eds.): *Writing Culture: The Poetics and Politics of Ethnography*, pp. 165-93. Berkeley, CA: University of California Press.
- \_\_\_\_\_. 1995. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnographies. *Annual Review of Anthropology*, 24:95-117.
- MENCHÉN, Georg. 1979. *Nimuendajú – Bruder der Indianer*. Leipzig: VEB Brockhaus.
- MÉTRAUX, Alfred. 1950. Curt Nimuendajú (1883-1946). *Journal de la Société des Américanistes*, 39: 250-1.
- NIMUENDAJÚ, Curt. 1939. *The Apinayé*. (Anthropological Series, 8) Washington, D.C.: The Catholic University of America.
- \_\_\_\_\_. 1946. *The Eastern Timbira*. Translated e edited by Robert H. Lowie. (University of California Publications in American Archaeology and Ethnology, 41) Berkeley, Los Angeles: University of California Press.

- \_\_\_\_\_. 2000. *Cartas do sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira*. (Apresentação e notas Thekla Hartmann) (Coleção Coisas de Índios) Lisboa: Museu Nacional de Etnologia/ Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_\_. 2004. *In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region. By Curt Nimuendajú. A Posthumous Work Compiled and Translated by Stig Rydén and Per Stenborg* (Etnologiska Studier, 45). Göteborg: Världskulturmuseet.
- \_\_\_\_\_ & GUÉRIOS, R. F. Mansur. 1948. Cartas etnolingüísticas. *Revista do Museu Paulista*, n.s., 2:207-41.
- PEREIRA, Nunes. 1946. *Curt Nimuendajú: síntese de uma vida e de uma obra*. Belém: s/e.
- SCHADEN, Egon. 1968. Notas sobre a vida e a obra de Curt Nimuendajú. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 3:7-19.
- \_\_\_\_\_. 1973. Curt Nimuendajú, quarenta anos a serviço do índio brasileiro e ao estudo de suas culturas. *Problemas Brasileiros*, 124:19-31.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1987. Nimuendajú e os Guarani. In NIMUENDAJÚ, Curt: *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani*, pp. XVII-XXXVIII. São Paulo: Hucitec/ Edusp.
- WELPER, Elena Monteiro. 2002. *Curt Unckel Nimuendajú: um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira*. (Dissertação de mestrado) PPGAS/MN/ UFRJ.